



Revista Práxis Pedagógica - Mestrado Acadêmico em Educação



Eixo Temático: Políticas e Gestão Educacional
EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO:
IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Carlo Filipe Evangelista Raimundo (PPGE/UNIR)¹

Antônio Carlos Maciel (PPGE/UNIR)²

RESUMO

A educação empreendedora ganhou muita importância nos últimos anos devido a fatores como crise financeira e política, perda de emprego, diminuição do Estado, em suma, falta de políticas públicas estruturantes para o efetivo desenvolvimento do País; e por essa razão tudo que envolve o “empreendedorismo” está “na moda” como nunca antes. Em todo mundo, países mais ou menos desenvolvidos apostam no fomento em iniciativas empreendedoras como a salvação do planeta por intermédio da salvação individual, pregando que o desenvolvimento individual automaticamente proporcionará o coletivo. Nesse sentido este trabalho busca investigar as principais teorias formuladas em torno do empreendedorismo e da educação empreendedora, principalmente a “pedagogia empreendedora” criada por Fernando Dolabela. Como resultado elaboramos uma “discussão” (embate) teórico com argumentos a favor e contra a implantação da educação empreendedora no currículo nacional do ensino fundamental ao superior, onde os autores favoráveis a consideram fundamental para o desenvolvimento do ser e, a partir disso, de toda sociedade; enquanto os contra temem uma formação generalizada baseada em linhas de pensamento neoliberal, individualista, ideológica, positivista e, dessa forma, alienadora.

Palavras-chave: Educação empreendedora; Desenvolvimento; Formação generalizada; Alienadora.

**EDUCATION FOR ENTREPRENEURSHIP: EPISTEMOLOGICAL
IMPLICATIONS**

ABSTRACT

Entrepreneurial education has gained a lot of importance in recent years due to factors such as financial and political crisis, loss of employment, reduction of the State, in short, lack of structuring public policies for the effective development of the Country; and for that reason everything that involves "entrepreneurship" is "fashionable" like never before. Throughout the world, more or less developed countries bet on fostering entrepreneurial initiatives such as the salvation of the planet

¹ Carlo Filipe Evangelista Raimundo, Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, Brasil. filipe.smd@gmail.com

² Antônio Carlos Maciel, Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, Brasil. maciel_ac@hotmail.com



through individual salvation, preaching that individual development will automatically provide the collective. In this sense, this work seeks to investigate the main theories formulated around entrepreneurship and entrepreneurial education, especially the "entrepreneurial pedagogy" created by Fernando Dolabela. As a result, we elaborate a theoretical "discussion" with arguments for and against the implantation of entrepreneurial education in the national curriculum from elementary to higher education, where the favorable authors consider it fundamental for the development of being and, hence, all society; while the latter fear a generalized formation based on neoliberal, individualist, ideological, positivist, and thus alienating lines of thought.

Keywords: Entrepreneurial education; Development; Generalized training; Alienating.

1. INTRODUÇÃO

A palavra “empreendedorismo” tem aparecido de forma bastante recorrente em nosso cotidiano, mesmo sendo bem antiga está cada vez mais “na moda”. Atividades empreendedoras, atitudes empreendedoras, mentalidade empreendedora e outras expressões ligadas ao empreendedorismo ganharam uma “roupagem” vinculada a poder, propagadas amplamente e exaustivamente em meios de comunicação comuns ou pagos (TV por assinatura) em diversos programas específicos sobre o tema. Carreiras e comportamentos “novos” criados a partir do surgimento de um “novo” sujeito ou “novo” trabalhador, a ser inventado ou reinventado para um “novo tempo”, “novas relações de trabalho”, “novos empregos” (DORNELAS, 2001) e outras “novas” expressões muito propagadas em nosso cotidiano.

Nesse caminho estão as instituições de ensino oferecendo formação empreendedora em diferentes níveis e modalidades. A educação empreendedora é tema dessa pesquisa por ter adquirido grande força e apoio para sua inserção nos currículos escolares, alcançando um status que vai além da educação escolar, ganhando caráter comportamental e intrinsecamente ligado a poder (o homem empreendedor passou a ser visto como poderoso).

A atitude empreendedora passou a ser vista como obrigatória na formação dos alunos para enfrentamento dos desafios atuais,



principalmente referentes ao trabalho e à empregabilidade. Tal estímulo é percebido nas diversas políticas públicas e campanhas voltadas ao tema, como a inserção da disciplina “empreendedorismo” nos currículos escolares em algumas escolas de nível fundamental e médio.

O Instituto Federal de Rondônia (IFRO), surge pela junção da Escola Técnica Federal de Rondônia com a Escola Agro técnica Federal de Colorado do Oeste, conforme a Lei 11.892 de dezembro de 2008. Conta com unidades em sete municípios do Estado.

No campus Porto Velho Zona Norte, nos cursos técnicos em finanças, informática, administração e cooperativismo; e no curso superior de tecnologia em gestão comercial a disciplina empreendedorismo é obrigatória, e uma das mais importantes. No ano de 2017 foi inaugurada a Incubadora de Empresas do campus com o propósito de fortalecer a formação empreendedora, parte do conjunto de esforços voltados ao desenvolvimento de negócios inovadores em meio à “crise econômica”, que aparece como principal motivação.

2 PROBLEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

A promoção da educação empreendedora pela necessidade de formação para o empreendedorismo está em voga no Brasil assim como em diversos países do mundo, mais ou menos desenvolvidos. Tanto a Pedagogia Empreendedora de Fernando Dolabela como outras estratégias metodológicas estão em desenvolvimento para a formação desse “trabalhador de novo tipo” (DORNELAS, 2001).

Nesse contexto, a presente pesquisa tem o intuito de investigar o que já foi pesquisado sobre a educação para o empreendedorismo, com a seguinte problematização: Qual a matriz teórica e política em que se baseiam os



argumentos dos formuladores da educação para o empreendedorismo?

A partir desses problemas identificados, a investigação tem como objetivo geral conhecer os estudos realizados sobre o empreendedorismo e sua incorporação no campo educacional, investigando seu caráter ideológico na formação de um novo perfil de trabalhador tendo como base os pressupostos teóricos do materialismo histórico e dialético considerando-se as relações existentes entre a produção da existência e do conhecimento (COAN, 2011). Os objetivos específicos são: estudar a origem histórica do empreendedorismo e sua vinculação à educação.

Este trabalho investigativo tem o propósito de realizar uma revisão bibliográfica dos principais estudos teóricos realizados sobre o empreendedorismo e a educação empreendedora. Segundo Severino (2007) a pesquisa bibliográfica “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”. Material cujo conteúdo já foi trabalhado por outros pesquisadores.

A pesquisa iniciou em obras de autores representantes da teoria econômica clássica que fundamentam o que posteriormente viria a ser chamado de empreendedorismo. A investigação continua com a teoria do capital humano, perfil empreendedor e, por fim, com teóricos da educação empreendedora, especificamente na “Pedagogia Empreendedora” de autoria de Fernando Dolabela, propagador da educação empreendedora no país.

Após a descrição dos estudos já existentes sobre o tema serão realizadas algumas considerações baseadas em autores prós e contra à forma como é apresentada e proposta a educação para o empreendedorismo.



2.1 Histórico e conceitos de empreendedorismo

Surgido no século XV a partir do termo francês *entrepreneur*, em inglês *intrepreneurship*, o empreendedorismo é relacionado aos homens de negócio. Antes da revolução francesa o conceito de empreendedorismo já tinha sido abordado por Cantillon (2002) quando fala de indivíduos arrojados que estimulam o progresso econômico. Na mesma lógica, Say (1821) classifica os empreendedores como criadores de valor ao movimentarem recursos de áreas de baixa produtividade para outras de maior produtividade e rendimento (SAY, 1983).

2.1.1 Explicitação do termo “empreendedorismo”

Posteriormente, Schumpeter (1934) associa ao conceito de empreendedorismo a noção de inovação. Distinguindo empreendedores de capitalistas, o autor diz que os primeiros assumem um risco ao adotar modos de agir inovadores, enquanto os segundos assumem um risco relativo ao lucro que poderão vir a obter (Portela et al, 2008, p. 25).

O termo é utilizado por diversos autores na caracterização de um indivíduo inovador, capaz de gerar riquezas a partir dessa inovação na criação ou gestão de uma empresa. Fillion (1999, p. 19) procura unir várias concepções em torno do que seja o empreendedor e o situa como um visionário, "uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões".

As concepções de empreendedorismo encontram embasamento na teoria econômica clássica e, a partir daí, em estudos contemporâneos. Contemplam aspectos puramente empresariais, de gestão, e de cunho comportamental, psicológico, transcendendo os “muros” da empresa e entrando nas casas, na criação dos filhos, no desenvolvimento das crianças e jovens que são induzidos



a possuir atitude e comportamento desse tipo a partir de uma mentalidade empreendedora como condição fundamental para terem sucesso na vida.

As novas tecnologias, a globalização dos mercados e o consequente aumento das oportunidades de negócio em diferentes áreas contribuem para a diversificação do conceito, principalmente na sua relação com a inovação.

2.2 Concepções dos clássicos da ciência econômica

Cantillon, os riscos e incertezas na produção. Ao pesquisar sobre as origens históricas do empreendedorismo, chega-se a Richard Cantillon (1680-1734), considerado o precursor do tema com a obra *Ensaio sobre a natureza do comércio em geral*.

Seus estudos são focados na terra, no trabalho e nas relações sociais estabelecidas a partir dos mesmos. Diz o autor (2002, p. 21): (...) a terra é a fonte ou a matéria de onde se tira a riqueza; o trabalho do homem é a forma que a produz: e a riqueza em si mesma não é outra coisa senão o alimento, as comodidades e os deleites da vida.

Sua contribuição nos fundamentos do empreendedorismo se dá a partir do entendimento de que o empresário é o indivíduo que corre riscos permanentes causados pelas mudanças no mercado, que se arriscam em busca do lucro (CANTILLON, 2002).

O ponto principal de sua análise está na caracterização do empresário empreendedor com sua visão de novas oportunidades para obtenção de mais lucros (ganhos), empreender e correr riscos e as incertezas de empreender.



2.2.1 A “Lei de Say” e o empreendedorismo

Jean-Baptiste Say (1767 – 1832) foi outro cientista que se esforçou para melhor compreensão do papel desempenhado pelos empresários na criação de novos empreendimentos, que para ele levava ao desenvolvimento econômico.

Os conceitos de empresário, capitalista, investidor, operário são trabalhados pelo autor a seu modo, não tendo o sentido usado comumente em nossos dias. Árduo defensor do pensamento liberal, o autor frisa a importância da indústria e do papel do empresário para crescimento da economia, arrojado e disposto a correr riscos no investimento.

2.2.2 Schumpeter: empreendedorismo e inovação

Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) introduziu a noção de empresário associado à inovação e se recusou a aceitar a ideia de que este corre riscos, como Cantillon e Say. “O empresário nunca é aquele que corre o risco” (SCHUMPETER, 1982, p. 136). O risco fica por conta do capitalista, sujeito que financia o empresário. Este, segundo o autor, dificilmente faz investimentos com recursos próprios.

O empresário inovador (empreendedor) é aquele que “destrói a ordem econômica existente” pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais (DORNELAS, 2008, p. 22). É o promotor do desenvolvimento visto como crescimento da taxa global da produção.

Schumpeter definiu o empreendedor como o agente do processo de “destruição criativa”, responsável pelo passo adiante que aciona e mantém em movimento o sistema capitalista de produção, quebrando um ciclo vicioso que não contribui em nada para o desenvolvimento. Esta ruptura



se dá na criação de novos produtos, novos mercados e métodos mais eficientes e menos custosos, de forma que essa “revolução” seja constante na estrutura econômica (SCHUMPETER, 1961).

2.2.3 Schultz e a teoria do capital humano.

Theodore William Schultz (1902-1998) é referência para a compreensão da teoria do capital humano. Constatou a ligação entre educação e produtividade como um tipo de “capital educacional”, relacionado aos investimentos em educação. Essa ideia está em duas de suas obras: *O Valor Econômico da Educação* (1963) e *O Capital Humano – investimentos em educação e pesquisa* (1971), base para formulação da teoria do capital humano (MINTO, 2011).

Sua preocupação era explicar a relação entre ganho de produtividade e o papel desempenhado pelo fator humano, quando qualificado por meio da educação. Segundo Minto (2011), a ideia de capital humano contribui para a construção de uma visão tecnicista de ensino, onde a educação se torna outro fator de produção.

2.4 Concepções contemporâneas de empreendedorismo

Drucker: a administração, a inovação e o empreendedorismo. Peter Ferdinand Drucker (1909-2005) é autor de grande importância entre os administradores quando se trata de empreendedorismo. Considerado o pai da administração moderna contribuiu para o desenvolvimento do campo de gestão de pessoas e no desenvolvimento dos estudos sobre o empreendedorismo, denominado por ele de “*economia de empreendimentos*” (AQUINO, 1987).

Drucker frisa que a inovação é uma ferramenta específica para os empreendedores e que pode ser ensinada e aprendida como



qualquer outra disciplina, de forma que as pessoas desenvolvam seu potencial criativo e inovador. Enfatiza a necessidade de os trabalhadores serem continuamente educados para a nova realidade da inovação, e sinaliza que a sociedade empreendedora será a forma de trazer progresso para o conjunto da sociedade

2.4.1 McClelland: o comportamento empreendedor.

Os estudos sobre o empreendedorismo transcenderam a ciência econômica e a administração alcançando outras áreas como a sociologia e a psicologia com a análise de aspectos comportamentais do “sujeito empreendedor”. Nesse campo de estudo se destaca o psicólogo norte-americano David C. McClelland (1917-1998), adepto a abordagens que propõe o comportamento como objeto de estudo da psicologia.

De acordo com os estudos do autor, as características psicológicas próprias de um empreendedor são: motivação para realização de projetos, liderança, capacidade para identificar e avaliar oportunidades, espírito de iniciativa, disposição para assumir riscos e saber agir em ambiente de incertezas. Nesse contexto, a capacidade para a inovação tem sido apontada como fator determinante no comportamento empreendedor (McCLELLAND, 1972).

2.5 Perfil empreendedor

No campo comportamental, estudos criaram o “perfil do empreendedor”, ponto de extrema importância no processo de educação empreendedora. Segundo Araújo (2000), para se alcançar esse perfil, o sujeito precisa ter competência, dedicação e talento. “Saber conviver com o risco e tirar proveito das oportunidades são as características da atividade



empresarial, o que define realmente o perfil do empreendedor” (ARAÚJO, 2000, p. 1).

Para a autora, e de acordo com as teorias de McClelland (1972) e Drucker (1986), as características que marcam o “perfil do empreendedor” são:

- a) Capacidade de assumir e administrar riscos calculados.
- b) Identificação de oportunidades, das necessidades dos clientes.
- c) Liderança, capacidade de influenciar pessoas.
- d) Metas e objetivos de curto a longo prazo.
- e) Persistência pelos objetivos.
- f) Visão global pensando na satisfação de clientes internos e externos.
- g) Atualização, aprendizado contínuo.
- h) Organização e planejamento.
- i) Inovação, desenvolvimento de novas soluções.
- j) Criatividade para pensar em novos conceitos, produtos e serviços.
- k) Comprometimento com o trabalho desenvolvido.

2.6 EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO

A partir dos anos de 1980 o ensino de empreendedorismo passou a ganhar mais espaço nas escolas de negócios. No caso brasileiro começa na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas- FGV, em São Paulo, em 1981, por iniciativa do professor Ronald Degen, com o nome “Novos Negócios”, e em 1984 na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA da USP. No mesmo ano é ministrado o primeiro curso de empreendedorismo em um Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Em 1992, o Departamento de Informática da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE criou o CESAR



- Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife, com objetivo de ser um núcleo de aproveitamento industrial dos resultados acadêmicos. Em 1993, criou-se uma rede de ensino de empreendedorismo por meio do programa SOFTEX/CNPq (Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro) com o núcleo FUMSOFT/MG (Sociedade Mineira de Software/Minas Gerais), que atingiu departamentos de ensino em 23 estados brasileiros e no Distrito Federal (ARAÚJO, et al, 2005 apud COAN, 2011, p. 142).

Outras experiências foram se consolidando em Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Paraíba e outros, sempre vinculadas às universidades. Segundo Menezes (2003):

A universidade é considerada o ponto de partida desse processo, uma vez que é identificada como fonte multiplicadora do saber por excelência. A preocupação com a formação empreendedora é tema prioritário, hoje, em todas as universidades importantes do mundo.

2.6.1 Formação para o empreendedorismo

Ao pensar a educação como fator estruturante na formação do indivíduo, deve-se considerar as mudanças ocorridas na sociedade com a rapidez e o empobrecimento de conteúdo no fluxo de informações.

Sobre esse aspecto Moraes (2012, p. 55) diz que serão necessários “novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, com base em novos fundamentos”. Nesse padrão está o ensino de empreendedorismo, tratado nesse estudo com base na “Pedagogia Empreendedora” desenvolvida por Fernando Dolabela, que propõe uma aprendizagem que incentiva o aluno a pensar de forma independente e proativa. Segundo Dolabela (2003, p. 134):



Trata-se do olhar para o ensino do empreendedorismo através das lentes da auto-identidade, da democracia, da cooperação e da aprendizagem, elementos considerados como pilares na construção do autodesenvolvimento.

O ponto principal desse método, direcionado à educação básica, é o foco na comunidade, e não só no indivíduo, visto que a iniciativa empreendedora é tida por muitos como individualista.

Segundo o autor, a metodologia pode ser trabalhada em diversos ambientes pedagógicos além da escola, como em projetos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) ou de entidades ligadas ao empreendedorismo como Empresas Juniores e Incubadoras de empresas vinculadas a escolas ou Instituições de Ensino Superior - IES.

Para Dolabela (2003, p.66) “É importante que toda escola e toda estratégia pedagógica ofereçam os meios para que o educando possa ter acesso ao mundo e conversar com o mundo”. Nesse sentido expõe a proposta de formação não apenas de um profissional, mas de um sujeito empreendedor, que desenvolva suas habilidades não apenas para o trabalho, e sim em todos os setores de sua vida visando o desenvolvimento humano e social (DOLABELA, 2003).

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Educação e empreendedorismo: apoios e críticas (prós e contras).

Segundo Luz e Cêa (2006), na “literatura educacional se multiplicam as publicações voltadas para a disseminação do empreendedorismo na educação”.

Percebeu-se durante a pesquisa que os autores estudiosos do tema empreendedorismo seguem uma linha de pensamento bem comum em alguns



aspectos, como no apoio ao individualismo ou à atitude individualista, no pensamento liberal e no positivismo. Ao se tratar de educação empreendedora as coisas não mudam muito, pois o discurso propagado como na “Teoria do Capital Humano” é que tudo depende do sujeito, “seu futuro está em suas mãos”, nas mãos do “sujeito empreendedor”.

Não se pode esquecer, é claro, que o empreendedorismo nasceu no meio empresarial indicando perfil de indivíduos com autonomia, iniciativa, criativos e inovadores para colocar seus sonhos numa determinada área de mercado e obter sucesso (MINERVINO, 2014). Porém, há pensamentos críticos à proposta (forma) de implantação dessa educação empreendedora, teóricos que se posicionam contra essa chamada “educação para o século XXI”, que pensam servir apenas aos interesses do mercado, em consonância com alguns dos elementos descritos em *A nova pedagogia da hegemonia* e dos ideais do neoliberalismo de Terceira Via (NEVES, 2010). Nessa linha de pensamento aparecem Ciavatta (2006) e Frigotto (2005).

A grande crítica à implantação do empreendedorismo na educação é a ausência de discussões políticas e ideológicas e o descaso com as classes menos abastadas, desconsiderando aspectos econômicos, sociais e ambientais que têm influência direta na vida dos indivíduos (SABINO, 2010).

Nas discussões ideológicas quanto a essa “nova ordem econômica” dentro da escola, Ciavatta (2011, p. 16) fala sobre a relação da primeira década do século XXI e seu desenfreado desenvolvimento tecnológico:

A cultura do trabalho que se contrapõe a uma educação plena é a da formação profissional reduzida aos treinamentos, à pedagogia das competências, à ideologia da empregabilidade e do empreendedorismo, à educação corporativa de interesse das empresas, aos rudimentos técnicos ou às especializações tecnológicas, escoimados da compreensão das relações de trabalho e dos direitos laborais. São processos com roupagens novas, mas com base na histórica relação desigual entre as classes sociais no Brasil.



Do outro lado da discussão ideológica, os autores frisam que a formação empreendedora vai além do arcabouço mercadológico, de forma que a imagem do empreendedor empresário não deve ser obrigatória, pois a pedagogia empreendedora se propõe a formar um empreendedor na forma de ser e agir, onde o foco principal não é o mercado, e sim o indivíduo (DOLABELA, 2008).

Em relação ao ensino de empreendedorismo no Brasil, Frigotto (2001) é crítico, chamando atenção para as implicações diretas na formação de tipo humano-colonizadora e alienadora (FRIGOTTO, 2010). Questionando a obra de Fernando Dolabela, a professora Doutora Geruza Tomé Sabino (2010, p. 8) nos elucida precisamente quando diz:

Entende-se que Dolabela pretende reescrever de forma menos erudita, sem as devidas mediações críticas entre vontade, necessidade e reprodução social, o que os autores clássicos do liberalismo econômico idealizaram, com uma intenção ainda mais perigosa: o ensino institucionalizado dos princípios do liberalismo, desde a infância, como única alternativa ao desenvolvimento social, acabando de uma vez com qualquer tentativa de discussão e análises críticas que apontem novas alternativas de produção e reprodução da vida material e espiritual, que de fato sejam mais humanas e que não tenham o lucro como finalidade última.

A autora chama atenção para a matriz ideológica dessa pedagogia principalmente no ensino fundamental, onde todas as crianças serão afetadas e induzidas a um tipo de comportamento e mentalidade onde formação política e aspectos estruturantes para a vida em sociedade serão deixados de lado.

Em nenhum momento dessa “campanha” se questiona o sistema capitalista de produção e todos seus fatores danosos às atividades produtivas e ao bem-estar da sociedade. Tem-se o modelo capitalista como única realidade possível e que, por isso, deve ser tratado como aliado, aguardando uma “oportunidade”, onde sempre haverá perdedores e vencedores, estes últimos por culpa própria, é claro. Segundo Luz e Cêa (2006, p. 87):



“(...) a “teoria” que serve de base para a Pedagogia Empreendedora aposta numa iniciativa individual e joga para o sujeito toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do seu sonho (projeto). A proposta não leva em conta os conflitos de classe, os quais são travestidos numa espécie de destemor do empreendedor frente aos desafios da vida. Para a Pedagogia Empreendedora, o fracasso é desistir do sonho. Enquanto isso não acontecer, não há fracasso”.

Observa-se que toda responsabilidade é colocada no sujeito empreendedor sonhador, que deve considerar fatores estritamente vinculados ao seu círculo social e/ou empresarial de maneira totalmente desconectada com aspectos políticos e sociais, vivendo num estágio de idealização permanente.

CONCLUSÃO

As análises e reflexões apresentadas sobre os textos pesquisados são ainda incipientes dada a complexidade do tema, que permanece em discussão nacional e internacional sobre às políticas públicas voltadas ao seu fomento.

Com base na literatura pesquisada, conclui-se que todo discurso em torno da educação empreendedora tem base neoliberal, idealista, individualista e positivista, sem conexão histórica, social, geográfica e política, descompromissada com aspectos estruturantes da sociedade.

Sua inserção nos currículos escolares como disciplina obrigatória no ensino fundamental exige muita atenção e reflexão dos formuladores de políticas públicas, pois a proposta de “formar indivíduos autônomos” pode trazer uma geração de sujeitos individualistas, apolíticos e desconectados dos fatores socioeconômicos que permeiam nosso cotidiano; desconectados da prática da cidadania. Comportamentos como esse já são muito comuns nas diferentes esferas da sociedade dado o empobrecimento político partidário recorrente em nosso país, além da miséria cultural propagada pelas mídias abertas às classes menos abastadas.



A preocupação mostrada pelos autores que chamam atenção para reflexão mais aguçada sobre essa tendência é justamente no “cidadão de novo tipo” que pode ser formado com a inserção dessa pedagogia empreendedora no ensino básico, pois quando se trata do ensino técnico e superior, o estudante que lá está já fez sua escolha pelo campo empresarial, já escolheu seu lado. Mas quando se fala do ensino fundamental a conversa é outra; quando se fala de formar um “novo sujeito empreendedor”, não só nos negócios, mas na vida, autônomo, independente, preparado para um “novo mundo” que não tem se mostrado tão novo assim. Salvo o desenvolvimento de tecnologias as relações sociais permanecem as mesmas, e cada vez menos cooperativas, colaborativas, solidárias; cada vez mais individualistas, irresponsáveis, desmobilizadoras de forma que os explorados permaneçam cada vez mais desagregados, concorrendo entre si por migalhas enquanto o capital permanece cada vez mais concentrado pelas mesmas corporações empresariais vinculadas aos gestores públicos controlando a formação de trabalhadores e sujeitos de “novo tipo”.

Dessa forma, essa pesquisa bibliográfica trouxe esse embate entre teorias e perspectivas sugerindo maior reflexão sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Paula Bravim de. **Perfil do empreendedor**. Disponível em: <<http://www.bte.com.br>>. 2000. Acesso em 27 fev. 2018.

CANTILLON, Richard. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral** (1755). Curitiba: Segesta Editora, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: 402 Saraiva, 2007.



CIAVATTA, M. **A formação integrada**: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria;

DEES, J. G. **O Significado do “Empreendedorismo Social”**. Traduzido por Victor Ferreira, a partir do original “The Meaning of ‘Social Entrepreneurship’”, *Center for the Advancement of Social Entrepreneurship*. Versão original: 31 de outubro de 1998. Versão revista e reformulada: 30 de maio de 2001.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora** - O ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora de Cultura. 2003.

DORNELAS, J.C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e Espírito Empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. Tradução de Carlos J. Malferrari. São Paulo: Pioneira, 1986.

FILION, J. Louis. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abril/junho 1999.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KELNIAR, V. C. LOPES, J. L. PONTILI, R. M. **A Teoria do Capital Humano: revisitando conceitos**. VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica. O Método Científico. 21 a 25 de outubro de 2013.

LUZ, A. S. CÊA, G. S. S. **Reflexões sobre a ideia do empreendedorismo na educação**. *Educere et Educare*. Revista de Educação. Vol. I, nº 1. Jan/jun. 2006. P. 83-87.

MACULAN, Anne Marie. **Analisando o empreendedorismo** In: EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. 4. 2005, Curitiba, Anais. Curitiba, 2005, p. 497-507.

McCLELLAND, David C. **A sociedade competitiva: realização e progresso social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.



MENEZES, Robert K. **Empreendedorismo**. PET News, agosto de 2003, seção de entrevistas. Entrevista concedida a Marcus Vinicius de O. Régis. Disponível em <<http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/agosto2003/entrevista.htm>>. Acesso em 08 mar. 2018.

MINERVINO, Darlene do Socorro DelTetto. **Empreendedorismo e educação: o uso da pedagogia empreendedora na formação do técnico em agropecuária da escola família agrícola do Pacuí – MACAPÁ/AP – 2014**.

MORAES, Maria Célia M. de. **O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna**. Cadernos de Pesquisa, FCC, v. 34, n. 122, p. 337-357, maio/ago. 2004.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso. **Revista Perspectiva**. Entrevista concedida a Eneida Oto Shiroma e Olinda Evangelista em 23 de junho de 2010 em Florianópolis, SC.

SABINO, G. T. **Empreendedorismo: reflexões críticas sobre o conceito no Brasil**. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Geruzza_Tome_Sabino_Empreendedorismo_reflexes_criticas_sobre_o_conceito_no_Brasil.pdf>; Acesso em: 28 fev. 2018.

SAY, Jean-Baptiste. **Tratado de economia política**. Tradução de Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Abril Cultural (Os economistas), 1983.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Tradução da Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **Capitalismo, socialismo e democracia**. (Editado por George Allen e Unwin Ltd., traduzido por Ruy Jungmann). — Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. – 23. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.